

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 1 2019

ARTIGO

A FLUIDEZ DAS RELAÇÕES MATERIAIS.

UMA ARQUEOLOGIA COM OS PÉS NA ÁGUA

Lucas Antonio da Silva\*

## RESUMO

O presente artigo nasce de um trabalho de Arqueologia do presente, desenvolvido desde o ano de 2010 com pescadores. A partir da experiência vivida ao longo dos últimos oito anos, delimitou-se como objetivo central compreender a água como um material que articula as relações entre pescadores, materiais de pesca e demais seres. Para tanto, a proposta se desenvolve na caracterização da água como um material e, portanto, algo passível de estudo pela Arqueologia. Através das experiências vivenciadas, sob a tutela dos pescadores, caracterizei as qualidades materiais da água buscando a compreensão de seus aspectos constitutivos em associação com os demais materiais sólidos. Por fim, fundado nessas características, proponho a ideia de uma “Arqueologia com os pés na água”, sendo esta, centrada na percepção dos fenômenos materiais a partir do material fluído.

**Palavras-chave:** Água; Arqueologia; Fluidez; Material.

\*Doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional – UFRJ; Lepaarq – UFPel. E-mail: [las.arqueo@gmail.com](mailto:las.arqueo@gmail.com).  
<https://orcid.org/0000-0001-7818-2973>.

## THE FLUIDITY OF MATERIAL RELATIONS.

## AN ARCHAEOLOGY WITH ITS FEET IN THE WATER

## ABSTRACT

The following article was born due to a present Archaeology work developed since 2010 with fisherman. Through the living experience among the last eight years, the central objective of comprehending the water as something material that articulates the relations between fisherman, fishing materials and other beings was set out. For this text, the proposal is to develop the characterization of the water as material, thus, something that can be studied by archaeology. For that, through the lived experiences, under the guidance of the fisherman, the material qualities of the water were characterized in order to comprehend its constitutive aspects in association with the solid materials. Lastly, based on those characteristics, the idea of an "Archaeology with its feet in the water" is proposed, centered in the perception of the material phenomena through the fluid material.

**Keywords:** Water; Archaeology; Fluidity; Material.

## LA FLUIDEZ DE LAS RELACIONES MATERIALES.

## UNA ARQUEOLOGÍA CON LOS PIES EN EL AGUA

## RESUMEN

El presente artículo nace de un trabajo de Arqueología del presente desarrollado desde el año 2010 con pescadores. A partir de la experiencia vivida a lo largo de los últimos ocho años, se delimitó como objetivo central comprender el agua como un material que articula las relaciones entre pescadores, materiales de pesca y demás seres. Para ello, la propuesta se desarrolla en la caracterización del agua como un material y, por lo tanto, algo pasible de estudio por la Arqueología. Por medio de las experiencias vivenciadas, bajo tutela de los pescadores, caracterizar las cualidades materiales del agua buscando la comprensión de sus aspectos constitutivos en asociación con los demás materiales sólidos. Por último, fundado en esas características, propongo la idea de una "Arqueología con los pies en el agua", siendo ésta, centrada en la percepción de los fenómenos materiales a partir del material fluido.

**Palabras clave:** Agua; Arqueología; Fluidéz; Materiales.

## INTRODUÇÃO

“O tempo não é senão o rio em que vou pescar. Bebo sua água; mas enquanto bebo vejo o fundo arenoso e constato o quanto ele é raso. Sua rala corrente escoar para longe, mas a eternidade permanece. Eu beberia mais fundo, pescaria no céu, em cujo fundo as pedras são estrelas.”

(THOREAU, 2012[1854]: 56).

A água é um elemento fundamental para a vida. Curiosamente, vive-se em um planeta chamado Terra, que é composto, entretanto, em grande parte por água (em média 70%). Esse pequeno detalhe revela como os sentidos humanos estão voltados para onde se pisa, um terreno estável, duro (na maioria das vezes) e que não oferece uma grande resistência aos movimentos. O corpo apresenta características próprias para movimentar-se na terra, para modificar/trabalhar com os materiais que a compõem e para habitar “paisagens com chão”, em algum lugar sólido. Essas características revelam um dos modos como percebemos nossa existência no mundo: é pisando nele, deslocando-se através de sua superfície e sentindo o chão nos pés, que se conhece e se vivencia o mundo e seus materiais (GIBSON, 1986; INGOLD, 2012, 2013a, 2013b, 2015).

Contudo, apesar de todo o aparato corpóreo dos seres humanos estar voltado para suas vivências na terra, seu corpo é composto, em média, por 60% de água. Esse dado revela a representatividade que a água possui para a existência da humanidade e de toda a vida no planeta. Por outro lado, a humanidade, de um modo geral, parece ignorar isso ao destruir e explorar sem nenhuma cautela os rios, lagoas, mares, lagunas e oceanos do mundo. Da mesma forma, pode-se ampliar essa crítica para a atuação da ciência como uma contribuição para demonstrar a devida importância da água para a vida do planeta<sup>1</sup>.

Para a Arqueologia, a água ainda é um elemento secundário no estudo dos materiais no mundo. Em muitos casos, ela sequer é considerada um material, pois o fato de, na maioria das vezes, não estar em estado sólido, a água é tomada como um elemento que faz parte da natureza ou, em leituras mais recentes, da paisagem. Essas leituras revelam dois aspectos: o primeiro é a ideia de que o mundo é composto por elementos naturais e artificiais, respectivamente, coisas da natureza e coisas da cultura humana. Segundo Tilley (2004), esses elementos não podem ser isolados, pois se apresentam em uma relação dialética e, assim, não se constituem de forma separada e individual. O segundo aspecto refere-se que os materiais passíveis de estudo pela Arqueologia possuem um estado físico (sólido) e um tempo (passado) (PÉTURSDÓTTIR, 2017; PÉTURSDÓTTIR & OLSEN, 2018).

O presente artigo tem por objetivo, passando pelos aspectos supracitados, de caracterizar a água como um material passível de ser estudado pela Arqueologia e, com isso, propor uma mudança na superfície em que se pisa e de onde se observa. Em linhas gerais, uma Arqueologia com os pés na água seria uma proposição mais adequada para conhecer as relações materiais que se estabelecem entre a água, outros materiais e as pessoas. Para isso, a proposta se fundamenta numa perspectiva fenomenológica, na qual toma-se o corpo como base de compreensão das coisas no mundo.

Para tanto, os dados e interpretações aqui apresentados derivam da experiência que obtive ao longo de oito anos convivendo com pescadores. Estes, em suas lidas diárias, sempre apontavam a água como um dos principais articuladores dos materiais

---

<sup>1</sup> Pétursdóttir (2017) destaca a importância do desenvolvimento de uma Arqueologia no e para o Antropoceno, nela, a autora propõe que a destruição do planeta pela humanidade é um fluxo material criado pela própria humanidade. Para tanto, utiliza-se a ideia proposta por Hodder (2016) que o Antropoceno é um artefato, uma espécie de emaranhamento criado pela humanidade.

empregados na pesca. Seja por se tratar de um lugar de pesca ou até mesmo pela capacidade de compor outros materiais. Nesse sentido, este artigo se desenvolve através da mistura de minhas experiências – sob a tutoria dos mestres da pesca – e pelo conhecimento prático dessas pessoas que vivem na água.

Os pescadores da Barra do João Pedro – uma pequena comunidade pesqueira no litoral norte do Rio Grande do Sul – receberam, apoiaram e ofereceram múltiplas experiências para compor este texto. Em meio às águas salobras da região, as pessoas, materiais e demais seres se relacionam e nestas relações desenvolvem suas vidas. Tal como destacado na epígrafe inicial, foi justamente sob essas vidas em associação que este texto surgiu, no contato com a dimensão fluída e relacional que a água conduz em todos os sentidos.

Cada época do ano muda a paisagem, água e vento alteram-se, e, por consequência, pesca e impressões que se tem desse lugar também mudam. No outono e inverno, épocas de enchente, a água sobe, invade os campos, passa pelas margens dos rios e formam-se os banhados. Esses lugares de enchente costumam ser o berço de muitas espécies bem como o lugar de refúgio dos pescadores, pois as grandes lagoas ficam sujeitas aos fortes ventos dessas estações. Já na primavera e verão, a água baixa, e o vento diminui de intensidade, começa a época da vazante, na qual amplia-se o território de pesca, pois os pescadores percorrem as lagoas e distanciam-se da comunidade para buscar o pescado. Essa dinâmica da paisagem pode mudar conforme os fenômenos atmosféricos de cada ano, portanto, não se trata de algo estável e previsível, pelo contrário, o que marca a vida pesqueira na região é a imprevisibilidade em seu amplo sentido, seja nas condições da paisagem ou dos recursos pesqueiros (SILVA, 2012, 2015, 2017).

Nessa comunidade, a pesca é desenvolvida em um contexto familiar. Tal como descrito por Diegues (2004), se trata da pequena produção mercantil, na qual toda a produção do pescado se dá no ambiente familiar e, nesse caso, estabelecendo uma divisão por gênero e espaço para as atividades produtivas. Em linhas gerais, os pescadores transitam entre a água e a terra, pescando, limpando peixes, comercializando e realizando a manutenção de seus materiais. Já as pescadoras, dedicam-se exclusivamente as atividades em terra, gerenciando todas as etapas produtivas do pescado e a vida doméstica de sua família. Ao longo das visitas realizadas em outras comunidades, ainda que tenham sido breves, parece que esse mesmo padrão se repete.

Do ponto de vista material, os pescadores utilizam pequenas embarcações motorizadas para seus deslocamentos diários, em média, cada lancha tem entre cinco ou seis metros de comprimento, com motores entre 8-25hp de potência. Quase sempre pescam sozinhos ou em duplas e utilizam materiais de pesca confeccionados por eles mesmos. Ainda que utilizem materiais industrializados, como náilon, anzóis de metal e chumbos (pesos de rede), todos os pescadores “entram<sup>2</sup>” suas próprias redes e espinhéis, por isso esses são chamados de artepesca, pois possuem um processo produtivo diferenciado (SILVA, 2018).

É a partir desse contexto de pesca que se estabeleceu a temática de retomada da água para a Arqueologia. Considerando as relações que se estabelecem entre os pescadores, suas artepescas, peixes e pesqueiros, a água sempre era apontada como um elemento central para o estabelecimento da vida na pesca. Desse modo, através dos ensinamentos dos pescadores e das experiências que vivenciei na comunidade, mais especificamente nas pescarias realizadas, pude estabelecer as questões que envolvem um estudo arqueológico da água.

---

<sup>2</sup> Por exemplo, fazer uma rede, colocar malha, cabos, chumbo e boias.

## AS QUALIDADES MATERIAIS DA ÁGUA

"[...] o adeus à beira-mar é simultaneamente o mais dilacerante e o mais literário dos adeuses. Sua poesia explora um velho fundo de sonho e de heroísmo. Desperta em nós, sem dúvida, ecos mais dolorosos. Todo um lado de nossa alma noturna se explica pelo mito da morte concebida como uma partida sobre a água. Para o sonhador, as inversões entre essa partida e a morte são contínuas, para alguns sonhadores, a água é o movimento novo que nos convida à viagem jamais feita. Essa partida material rouba-nos a matéria da terra. Por isso, que admirável grandeza tem este verso de Baudelaire, esta imagem súbita que vai ao âmago do nosso mistério: 'ó morte, velho capitão, é tempo! levantemos a âncora' "

(BACHELARD, 1989: 77-78).

O estado líquido da água pode ser apontado como um primeiro ponto de divergência sobre a sua caracterização como um material. A dificuldade em “pegar”, decompor em partes e classificar, que é o movimento de caracterização de materiais mais comum para a Arqueologia, coloca a água em um conjunto indefinido de coisas que existem no mundo. A perspectiva dicotômica entre natureza e cultura estabelece que a água pertence ao domínio da natureza. Contudo, a partir do questionamento desse modelo, pode-se reavaliar a potencialidade dos outros estados físicos da matéria como passíveis de estudo pela Arqueologia (NORMARK, 2014). Priorizando, especificamente no estado líquido da água, ela possibilita a visualização material de uma série de aspectos abordados nas pesquisas arqueológicas. A troca, por exemplo, é uma dessas características, pois, devido a sua fluidez, a água se apresenta como um material dinâmico, sempre em modificação, seja por suas características físicas em ciclo (evaporação, condensação, solidificação e precipitação) ou por seus aspectos de forma, como, por exemplo, um rio que se transforma em lagoa, um banhado que seca, o mar que avança sobre o rio, etc. Essa instabilidade, ou inconstância da água, é um dos fatores que a torna de difícil caracterização como um material passível de estudo pela Arqueologia, pois parece não existir fim para essa cadeia de relações. Bachelard (1989, p. 97) afirma que:

“[...] a água é o elemento mais favorável para ilustrar os temas da combinação dos poderes. Ela assimila tantas substâncias! Traz para si tantas essências! Recebe com igual facilidade as matérias contrárias, o açúcar e o sal. Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros. Compreende-se, pois, que o fenômeno da dissolução dos sólidos na água seja um dos principais fenômenos dessa química ingênua que continua a ser química do senso comum e que, com um pouco de sonho, é a química dos poetas.”

De certo modo, é essa a química do estudo da relação dos materiais que a Arqueologia se debruça. A possibilidade da água misturar-se às coisas, devido principalmente ao seu estado líquido e a sua consequente fluidez, permite concebê-la como um dos materiais mais importantes para o estudo arqueológico. De modo geral, Bachelard destaca que essa característica da água como um elemento agregador lembra uma “cola”, um material que adere as coisas umas com as outras. Nesse sentido, tal como destaca o autor, para compreender essa “pega” da água é preciso extrapolar a observação visual, acrescentando o tato, o olfato, o paladar e os cheiros, de modo que a experiência da água seja completa.

Seguindo no estado líquido da água, outro ponto que parece importante é a sua fluidez enquanto representação de fluxos. Ao tentar pegar a água com as mãos, nota-se

que ela escapa por todos os lados, escorre, flui, desliza, o que é justamente o movimento constante que parece fazer da água um material que pode ser ilustrativo da ideia de fluxos<sup>3</sup>. Mesmo as águas paradas possuem certo movimento, invisível aos olhos humanos, que apontam para um fluxo interminável de relações. Não é à toa que Edgeworth (2011) constrói sua ideia de uma Arqueologia dos fluxos fundada nas relações dos materiais e os rios. Rios tem correnteza, levam para algum outro lugar, deslizam, possuem uma relação gravitacional e estão sempre em movimento. Nesse sentido, ainda que o autor aborde a água como um híbrido, algo que se caracteriza como uma mistura entre natureza e cultura, ele dá um passo importante por considerá-la dentro de um espectro ativo dentro da Arqueologia.

A água tomada como fluxo ou como uma materialidade também apresenta, em sua fluidez, a capacidade de tornar as relações orgânicas<sup>4</sup>. Quando os pescadores falam de chuva, imediatamente dizem: “*vai cair uma água aí ... ó vem água nova*”. Assim, o meio que as pessoas utilizam para caracterizar essa água nova, é que ela vem de um lugar diferente, que cai, e isso já torna a água que vem do céu diferente da que corre no rio, ainda que seja o mesmo material, água. De modo geral, essa relação orgânica e fluida se constitui na percepção das pessoas, no cheiro da água, na sua cor, na sua temperatura etc.

Diferentemente das réguas, pluviômetros e demais equipamentos difundidos na sociedade como escalas de precisão para medir as potencialidades da água, as medidas da água são constituídas na interação com ela, nas ferramentas corpóreas, sensíveis e do dia a dia. Essas réguas orgânicas estão associadas aos princípios de constituição do corpo, baixo/cima, perto/longe, frente/trás, esquerda/direita etc. (TILLEY, 2004). É possível verificar isso na referência dos pescadores às direções que tomam a partir de sua comunidade: se desce o rio, quando se segue a correnteza (norte-sul) e, se sobe, quando se vai contra ela (sul-norte). Assim, a medida dialoga com o corpo e a água.

**Figura 1** - Subindo o Rio (foto do autor, 22/04/2013).



<sup>3</sup> É exatamente a proposta apresentada por Tilley (1994, 2004, 2008) que a fenomenologia apresenta com profundidade a metáfora e a metonímia como bases importantes para as articulações materiais através do corpo.

<sup>4</sup> No sentido de escapar de uma relação cartesiana (PÉTURSDÓTTIR & OLSEN, 2018; TILLEY, 1994, 2004, 2008), usar mais o corpo e os ensinamentos dos pescadores.

A sensação de descer/subir o rio só é completa quando se navega nele. A experiência a partir da terra é diferente, pois, da comunidade, a referência ao fluxo do rio muda: à direita se desce e à esquerda se sobe. Assim, a articulação entre as pessoas e o rio muda na medida em que se está nele ou não, mas, para compreender materialmente essa relação, é preciso navegar.

Contudo, apesar de sua fluidez, a água apresenta uma característica presente nos materiais: massa. Essa, por sua vez, é apontada por Bachelard (1989) como a base do esquema fundamental da materialidade, isto é, a noção de matéria está ligada à noção de massa. Segundo o autor, é exatamente nessa experiência de fluidez, maleabilidade e de massa da água que se apresenta como uma matéria dominadora, um material que articula diversos outros materiais no mundo. É na água que, segundo Bachelard (1989: 15), “[...] *pensaremos quando desfrutarmos, graças a ela, da docilidade da argila*”. O autor ainda destaca que é através da união entre a água e a terra que se dá a massa. Tal como destaca Ingold (2012, 2013a) sobre a necessidade de um modelo alternativo a preponderância da forma, Bachelard (1989: 109) afirma que:

“Com efeito, a massa nos parece ser o esquema do materialismo realmente íntimo em que a forma é excluída, apagada e dissolvida. A massa levanta pois os problemas do materialismo sob formas elementares, já que ela desembaraça nossa intuição da preocupação com as formas. O problema das formas coloca-se então em segunda instância. A massa proporciona uma experiência inicial da matéria.”

Sendo assim, a matéria da água reside, inicialmente, na sua massa como um elemento de existência e articulação. Com isso, é possível destacar a potência da massa como uma possibilidade de amassadura da água com outros materiais. O termo “amassadura” é usado no sentido de que amassando-a com a farinha e outros ingredientes, por exemplo, se pode obter um pão. A água, assim, nas palavras de Bachelard (1989), é um material que tempera outros, destrói a *secura* e favorece a ligação entre as coisas. É através dessa ideia que Tilley (2004) propõe que a experiência, sob uma perspectiva corpórea, é tal como um peixe imerso na água, em linhas gerais, o peixe é uma extensão da água assim como o contrário.

A leitura dos fluxos, proposta por Edgeworth (2011), entre água e materiais baseia-se na perspectiva da artificialidade. Nela, a água se torna passível de estudo para a Arqueologia a partir das modificações que a humanidade realiza sobre ela. Essa leitura pode ser interessante se realizada sobre outro ponto de vista, considerando a água como um elemento de ligação entre a experiência do arqueólogo, ou dos pescadores, com os demais materiais, isto é, examiná-la como uma condutora de fluxos. A tentativa aqui é recuperar o material não apenas pela sua constituição humana, mas também pela sua capacidade de agregar pessoas e coisas.

**Figura 2** - Pescadores realizando a manutenção do material de pesca junto à água. (foto do autor: 28/12/2012).



A figura 2 demonstra essa capacidade da água de articular outras relações materiais. Durante o período em que a pesca fica proibida (piracema), os pescadores realizam a manutenção dos materiais: redes, espinhéis, motores, embarcações etc. No caso das redes e espinhéis, essa manutenção quase sempre se realiza na água, pois, segundo eles, “depois de muito tempo que as coisas ficam guardadas,- elas secam”. Tudo que fica seco se torna mais difícil de trabalhar. A água, neste caso, torna o material mais maleável, mais fácil para trabalhar, nas palavras dos pescadores.

Pensar os rios como a materialidade dos fluxos é uma contribuição importante de Edgeworth (2011). Ainda que o autor utilize como “régua” medidas que foram obtidas através de uma perspectiva cartesiana – o tamanho dos rios, o volume de materiais, as escalas lineares de tempo, etc. – a mesma analogia pode ser feita com as medidas orgânicas que foram citadas anteriormente. O rio corre, desce, sobre, enche, seca, é transparente ou turvo, ou seja, ele possui uma série de movimentos, uma espécie de linha, um devir, ou uma vida. Além disso, em suas curvas, novas coisas são reveladas: árvores, pedras, baixios, correnteza forte, vento, entre outras coisas que o tornam um material de relação, articulador e articulado. Por fim, é na sua forma linear – não necessariamente uma reta – que ele lembra, em termos materiais, as linhas de vida propostas por Ingold, aquele movimento que segue caminhos, muitas vezes tortuosos, que implicam em algumas dificuldades para quem navega por ele, ao mesmo tempo, o incontrolável e desconhecido caminho submerso fornece um desafio de sempre conhecer um rio novo a cada dia.

Normark (2014) aponta que a água deve ser classificada como uma “hiperfato”<sup>5</sup>. Segundo o autor, essa proposição se configura em uma tentativa de agregar à Arqueologia outros materiais que não estejam apenas na classificação tradicional de artefatos, ecofatos, paisagem, materialidade e cultura material (NORMARK, 2014: 188). Essa proposta pode ser caracterizada, por exemplo, através da viscosidade, que permite ao hiperfato agregar em si diversos artefatos. Pelo fato de estarem sempre derretidos, ou em fusão, discordando da perspectiva Newtoniana de objetos concretos, fixos e com consistência no espaço e no tempo, os hiperfatos estão em modificação constante. Nesse sentido, o autor insiste que a água não é um estado físico, mas uma parte de muitos

<sup>5</sup> A ideia de hiperfato está fundada na noção de hiperobjeto proposta por Morton (2013). Segundo Normark (2014), ele apenas adaptou o nome para fazer uma composição com os demais conceitos arqueológicos.

estados que se desenvolvem simultaneamente, naquilo que ele chamou de ciclo hidrológico, como um sinônimo de hiperfato.

É preciso fazer algumas ressalvas a essa perspectiva. Apesar de interessante, a ideia de um hiperfato está vinculada a medidas e escalas acadêmicas. Obviamente, isso não se trata de um problema quando se fala de relações internas, tal como o próprio autor destaca no texto. Entretanto sabe-se que, em uma perspectiva relacional, os fluxos de associações são tão grandes e inconstantes que não é possível apresentar o que é dentro e fora, interno e externo. Trata-se de colocar a água como um material aberto, no qual os demais materiais e seres possam se articular com e por ela. Sendo assim, a água é só mais um material no mundo, com suas particularidades de escala, tempo, associações, estado físico etc.

Seguindo com uma reflexão semelhante, Pétursdóttir (2017) propõe que esses materiais não humanos – aqueles que não se enquadram no paradigma da artificialidade proposta pelo conceito tradicional de Arqueologia – são como gigantes adormecidos. Isso porque carregam em si a capacidade de agenciar diversas relações e se apresentam com certa obscuridade. Essa deve ser compreendida como uma impossibilidade de conhecimento completo que, de um modo geral, se verifica pela inviabilidade de classificação exaustiva aplicada aos demais materiais “artificiais” produzidos pela agência humana. Essa ideia está caracterizada pela própria noção de registro arqueológico como um resíduo de algo que se foi, ou um meio pelo qual se alcança o passado humano (PÉTURSDÓTTIR, 2017, PÉTURSDÓTTIR & OLSEN, 2018). Segundo esse conceito, os materiais apresentam uma deficiência inerente: a dificuldade de reconstituir, acessar e elaborar conhecimento através da materialidade. No entanto, tal como destaca a autora, a ideia deve ser oposta, pois são as expectativas das construções arqueológicas que tornam o material deficiente. De modo geral, a Arqueologia deve seguir na contramão disso, buscar a desobediência às noções de coerência e quebrar com os parâmetros de interpretação. Em linhas gerais, seguindo essa proposta, compreender a água como um material passível de estudo pela Arqueologia seria um passo importante para ingressar em leituras mais amplas e completas sobre o mundo. A água, como um gigante adormecido, se coloca como um material necessário para o desenvolvimento dessa perspectiva.

Outro ponto que corrobora para pensar a água como um material arqueológico é sua energia. A água carrega, movimentada, mexe, segura, cria resistência e facilita o deslocamento. A correnteza pode ajudar a descer um rio, mas dificulta na sua subida, por isso saber lidar com esse fator fala diretamente da relação da força da água com os demais materiais que os pescadores empregam para se deslocar através dela. Para descer o rio não é preciso acelerar muito, e se opta por navegar pelas águas mais “velozes” que correm entre o meio do rio e sua margem. Já para subir é preciso distribuir os materiais dentro da embarcação do meio da lancha para a popa, de modo que a frente não encoste na água, causando menos atrito para a navegação e, obviamente, é preciso acelerar mais o motor. Nessa situação, a água e sua energia articulam todos os materiais que por ela navegam: a lancha, o pescador e as demais coisas que se encontram na embarcação, de modo que é novamente no movimento que a água conduz a novos fluxos materiais. Por exemplo, todos os pescadores descartam os restos da limpeza dos peixes no rio. Este leva as tripas dos peixes, afasta o mau cheiro que elas causam e, ao mesmo tempo, proporciona alimento para os pássaros e peixes que ali estão. O rio carrega as tripas e traz outros peixes, sempre alimenta e conduz os fluxos das relações.

**Figura 3** - Pescador descartando as tripas dos peixes (foto do autor, 29/08/2015).



Tomada sobre outra perspectiva, a água parada com baixa energia, apesar de sua aparência de nenhum movimento, indica outras relações entre si e os pescadores. É preciso ter cuidado ao navegar, pois pode-se bater a lancha em algum tronco submerso, ou raspar o fundo dela em alguma parte mais rasa. É necessário, por isso, perícia e calma, visto que não é possível usar o motor. Nesse momento, a água articula a relação novamente, que convida o pescador a utilizar o varejão (remo), a medir o fundo da água e a procurar caminhos no banhado. Da mesma forma, o pescador se desloca e movimenta a água, formando pequenas ondas, silenciosas, mas que retiram o aspecto refletivo que a ela assume quando está estática. É esse movimento, tomado com uma interação entre os seres e materiais, que dá à água parada uma característica paradigmática: ela nunca está parada.

A energia que faz a água se deslocar e estar em movimento está fundada no princípio simples de que ela sempre flui para baixo (EDGEWORTH, 2011). Em linhas gerais, quando se fala em águas abrigadas, isso deriva do relevo, do vento e do caminho que a própria água cria. Isso fica evidente no caso das histórias que os pescadores contam sobre os antigos caminhos do rio: “*Isso aí era tudo diferente. Tem muita curva que caiu um barranco e o rio correu pelo lado, cavou um buraco e por ali seguiu.*”. Da mesma forma que, nas enchentes, os pescadores costumam comentar que a força da água cria novos caminhos do rio. De modo geral, esse movimento de “sobe e desce”, como visto anteriormente, também é uma forma orgânica de organizar as direções que se deve seguir, pois não se usa bússola, GPS ou mapas, apenas se usa essa oscilação do rio como guia. É nesse caminho das águas, seguindo através dela e de suas qualidades, que se pode notar sua importante contribuição para a Arqueologia.

A partir da ideia de movimento, nota-se que a água apresenta uma característica interessante, sua capacidade de metamorfose, de estar sempre se modificando e se tornando algo. Bachelard (1989: 7) destaca essa importante visão sobre o líquido precioso:

Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente um elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. [...] A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal.

É exatamente nesse movimento que a água parece articular um número infindável de outros materiais, assim como ela também é articulada. O fluxo de correnteza de um rio, por exemplo, pode, além de carregar coisas com mais ou menos velocidade, indicar a relação da água com o vento, com as correntes superficiais e submersas, com a terra (se o rio é estreito ou não) e com o restante da paisagem. Em linhas gerais, a água carrega e exerce determinada força sobre os outros materiais.

**Figura 4** - Enchente vista a partir da ponte (foto do autor, 07/2015).



Quando o rio enche, a água sobe, invade e busca seu espaço. A consequência disso é, além da modificação da paisagem, as novas articulações entre os materiais e os lugares. É preciso deslocar os cachorros e suas casinhas, as galinhas e os galinheiros, o porto das lanchas fica praticamente na porta das casas, não há espaço para estender as roupas, nem para as crianças brincarem. Diante dessa imposição do rio, os pescadores mudam os materiais de lugar, visto que andar se torna difícil e, às vezes, nem mesmo as botas são suficientes, pois a água empurra as pessoas e outros materiais.

Essa energia também pode ser tomada de outra forma, se analisada a temperatura da água. Quanto mais fria ou mais quente, por exemplo, ela pode indicar a pesca de determinadas espécies e, desse modo, a utilização de materiais de pesca específicos, assim como, de lugares mais adequados para esses peixes. Além disso, estar fria ou quente demonstra sua relação com o tempo atmosférico e como pode ser influenciada por ele. Na medida em que esse tempo incide sobre a água, ela também faz o mesmo sobre outros materiais. De modo geral, um fluxo interfere no outro, não exatamente uma cadeia, mas linhas nas quais materiais podem surgir, se modificar e permanecer. Assim, não há como traçar uma única possibilidade imutável de relação.

As cores da água<sup>6</sup> também se apresentam como uma característica importante na delimitação dela como um material arqueológico. Cada cor indica uma gama de relações, e fluxos materiais diferentes podem surgir nas cores mais claras, escuras, transparentes e turvas. De modo geral, as lagoas do litoral norte do Rio Grande do Sul apresentam uma coloração turva – cor de lodo, nas palavras dos pescadores. Sobre ela, os pescadores costumam afirmar que vários elementos contribuem para isso, por exemplo, o vento, se é período de seca, cheia e a chuva, ou seja, outros materiais passam a agir diretamente na água, e, a partir disso, os pescadores passam a escolher os melhores materiais para pescar, os locais mais adequados e as espécies. Não se trata de determinismo, mas de uma quantidade de fluxos de materiais que se relacionam, que trocam qualidades, que misturam suas características, a tal ponto que muitas vezes é difícil fazer um corte preciso para definir o que é cada coisa.

Uma coloração mais clara da água dá mais segurança para navegar, isso é o que afirmam os pescadores, assim como se torna mais vantajosa a pesca com isca, pois isso facilita a visão do peixe. Ainda assim, essa mesma coloração transparente dificulta a pesca com redes, pois o objetivo é justamente que o peixe não enxergue a malha. Logo, a cor é uma característica que se relaciona, neste caso, à navegação e aos materiais empregados na pesca assim como os peixes pescados. A água, na medida em que muda sua coloração, articula não apenas novas relações, mas agrega outros materiais a seus fluxos.

A água, em suas diversas cores, também é influenciada por outros materiais, o tempo atmosférico, por exemplo, é apontado como um dos principais agentes para a modificação das cores. Ventos fortes, segundo os pescadores, em determinadas lagoas, podem “mexer” muito a água, trazendo a areia do fundo dela e tornando a lagoa com um aspecto mais marrom. Em linhas gerais, a cor é outra característica da materialidade da água que chama outros materiais, ativa os sentidos, seleciona tipos, formas e diferentes artefatos na vida de quem convive com ela.

Do mesmo modo pode-se falar do cheiro. Ainda que não se apresente como uma característica muito observada, eventualmente ele é uma variável que influencia a pesca. Águas mais paradas, como as de banhado, algumas vezes são evitadas, pois deixam os materiais de pesca com cheiros que não são bem-vindos pelos pescadores, ou seja, ela relaciona o lugar como um “não local” de pesca, afeta as redes e modifica de forma desagradável os materiais. Da mesma forma, o mesmo cheiro pode indicar a presença de peixes, seja pela presença de carcaça de outros animais ou limo. O cheiro parece apresentar uma situação muitas vezes ambígua para os pescadores entre pescar e não pescar. Este apelo do cheiro demonstra uma característica da materialidade da água como um material que constitui e é constituída por relações.

O tempo é outra característica da água como um material. Costuma-se atribuir uma multitemporalidade aos materiais existentes no mundo. Por exemplo, uma rede de pesca, apesar de estar no presente, foi trabalhada e aperfeiçoada ao longo de dezenas ou até centenas de anos. Do mesmo modo, essa rede de pesca possui muitos fluxos que estão relacionados às especificidades materiais de cada região como, por exemplo, as características das águas, dos ventos, dos pescadores etc. Portanto, falar de tempo implica

---

<sup>6</sup> Aqui é possível fazer uma importante reflexão sobre a sociedade urbana. Aprende-se diariamente que a água pura, não apenas boa para o consumo, deve ser insípida, incolor e inodora. É evidente que para isso utilizam-se os padrões laboratoriais visando um consumo saudável da água. Contudo parece existir uma idealização da água como essa forma laboratorial/pura. Não se trata de questionar a medida para o consumo, mas sim de colocar em pauta a existência da água como um material em trânsito, de múltiplas cores, formas e cheiros. Em linhas gerais, a ideia seria aceitar que existem outras “réguas” para medir a potência da água como um material que não serve apenas para consumo, mas tratar ela como um material articulador da vida.

em uma relativização que dialogue com a multiplicidade de relações materiais e temporais - em sentido atmosférico, cronológico, simbólico, religioso etc. – de modo que se vire de cabeça para baixo o tempo unilinear: passado, presente e futuro. O tempo, como uma variável inconstante e complexa, pode ser melhor compreendido se observado em sua materialidade, isto é, analisando-o a partir da constituição material do mundo. Esta constituição que permite experimentar o tempo através dos sentidos, que coloca a experiência com os materiais no centro da compreensão e do viver. O tempo da água segue essas variáveis.

Além disso, caso se percorra o tempo da água através de sua materialidade, é possível notar que a sua constituição relacional o torna multilinear, inconstante e de difícil previsão. Por exemplo, no caso do litoral norte do Rio Grande do Sul, mais especificamente na água salobra, existe um período de cheia e outro de vazante (seca), respectivamente outono/inverno e primavera/verão. Contudo é muito comum ocorrer inversões nesse calendário cronológico – criado com base na observação do tempo atmosférico e da própria água – em virtude de mudanças no tempo atmosférico ou, até mesmo, no calendário de reprodução dos peixes e de fechamento da pesca imposto pelo Governo Federal, a piracema. Outro exemplo possível é o volume das cheias e vazantes. Não há como prever qual o impacto das águas ao longo do ano, pois o calendário cheia/vazante é maleável, fluído como a própria água. O que os materiais demonstram, neste caso específico da água, é que existem muitos calendários, alguns imprevisíveis (atmosférico), outros controlados (o fechamento da pesca para a piracema) e outros de previsão (cheia/vazante e migração de peixes). Todos os calendários dialogam, ou seja, o tempo é múltiplo, de várias escalas e, acima de tudo, tem uma forte tendência a ser orgânico, isto é que foge das escalas universais que o medem.

**Figura 5** - Período de seca (foto do autor, 09/2015).



A água como tempo e o tempo como água parecem conjugar uma importante lição sobre a relação entre materiais no mundo. A primeira relação pode indicar a água como uma escala orgânica do tempo, demonstrando, justamente pela sua fluidez, como a multilinearidade é uma característica importante a ser considerada na análise do tempo

como uma variável relacional e que possui fluxos. A segunda relação oferece ao tempo uma base material, isto é, a água como uma possibilidade de compreensão dessas relações e fluxos que seguem e parecem não ter fim. As duas propostas de relações se reforçam e poderiam ser invertidas em suas explicações. É exatamente isso que torna a água e tempo materiais de difícil caracterização e adequação aos parâmetros tradicionais do que é um material: a inconclusão, a fluidez, a impossibilidade de segurá-los e a possibilidade quase inesgotável de relações.

A água como parte da gente, como parte dos seres vivos, é outro ponto de relevância para compreender o papel dela como um material de articulação de outros materiais no mundo. O sangue que corre em nossas veias, segundo Bachelard (1989), permite que nosso corpo tenha vida e se movimente. Essa ideia fornece a base para se pensar a água como um material de vida, que, em linhas gerais, apresenta como característica principal sua presença em todos os seres do mundo, desde as necessidades básicas de hidratação ao funcionamento dos corpos, a constituição de múltiplas paisagens e a associação dos materiais. Em uma análise da poesia de Edgar Poe, Bachelard (1989) propõe que a água é o sangue e a vida da terra e, assim, é ela que arrasta o mundo em seu próprio destino. A proposta de conceber a água como um material que articula – e também é articulada – a vida material no mundo é fundada na perspectiva de que ela apresenta, além das características materiais, a capacidade de ser presente em milhares de fluxos materiais. Retomando a proposta inicial, o planeta se chama Terra, mas é a água o material que mais compõe e é composta por relações com os seres vivos.

Com isso, a conclusão que se pode chegar é que a água é um material fractal, isto é, algo que em seus múltiplos tamanhos, articulações e formas ainda se apresenta como tal. Feldman (2012) destaca que um fractal se caracteriza por sua fractalidade, sendo esta um princípio de similaridade de um material com as partes que o compõe. Por exemplo, a água, ainda que separada em gotas ou caindo do céu, continua sendo água. O que mudam são suas relações, ela deixa de ser horizontal e passa a ser vertical, é temporária, exige dos humanos outros materiais – guarda chuva, agasalhos impermeáveis e botas – e muda completamente a característica da atmosfera. O estabelecimento dessa noção de fractalidade oferece a possibilidade de avaliar os materiais em sua constituição individual e relacional, pois pode-se, em uma descrição e análise precisa deles, buscar os elementos que o constituem em relação com diversos materiais. Wagner (1991) destaca que essa fractalidade, como um conceito advindo da matemática, apresenta um domínio que não pode ser um número inteiro, ou melhor, se configura em um fracionamento no qual as partes fracionadas são iguais a parte inteira. Desse modo, voltando ao exemplo da água vertical (chuva), ela continua sendo água, porém com um fracionamento que conduz a novas relações materiais.

A água fractal aqui é compreendida em uma fractalidade orgânica, seguindo a régua e as medidas que o corpo oferece – os sentidos, aprendizados no mundo etc. Quando um pescador se refere aos perigos que a lagoa ou um rio pode oferecer, ele fala sobre vários aspectos: a cor escura dela, que impossibilita enxergar o fundo; a correnteza forte dos rios; as ondas da lagoa; entre outros perigos que sempre remetem à mesma frase: *“minha mãe sempre dizia, a água não tem galho pra se segurar”*. São todas as experiências e aprendizados de vida que levam as pessoas a pensar essas relações. Observe que a água continua a mesma, pode ter mudado sua forma, seu curso, sua disposição, sua força ou cor, mas ela continua lá, articulando com os outros materiais, ensinando as pessoas, e a frase continua sempre sendo citada como alerta a uma água que continua água, mas que está sempre se transformando.

Para concluir, é interessante retomar a epígrafe de Bachelard (1989). A água arrasta tudo para seu próprio destino, para seus fluxos de relações. Apesar do autor destacar o

papel da água como um material da imaginação da morte, aqui se propõe exatamente o contrário, aquilo que ele chamou de “algum sonhador”, que, em linhas gerais, concebe a água como um elemento que permite a viagem a lugares jamais vistos. Partindo disso, o lugar jamais visto possibilita viver novas experiências, ter novos aprendizados e possuir sensações distintas e inovadoras. Conceber a água como uma espécie de vida é, acima de tudo, dispor de todas as relações e sensações que os inúmeros materiais com ela relacionados, ela própria, podem oferecer às pessoas.

#### UMA ARQUEOLOGIA COM OS PÉS NA ÁGUA

“Todas as maneiras como um corpo é afetado por outro seguem da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta; de modo que um mesmo corpo é movido de diferentes maneiras de acordo com a diversidade da natureza dos corpos que se movem, e, ao contrário, diferentes corpos são movidos de maneiras diferentes por um mesmo corpo.”

(SPINOZA, 1987[1677]:145).

Como visto anteriormente, o fato de caminhar e desenvolver habilidades voltadas para o deslocamento e vida na terra, fez com que a maioria dos humanos virassem as costas para a água. É evidente que essa afirmação é muito geral, pois sabe-se da existência de diversas populações que vivem não apenas com os pés na água, mas voltados de frente para ela. Tal afirmação, inicialmente contraditória, indica uma relação interessante que, por exemplo, um grupo de pescadores possui com esses materiais.

Dito isto, cabe destacar, neste momento, a necessidade de refletir sobre a relação que a Arqueologia possui com a água. Além de ser um tema ainda pouco trabalhado, quando o é, na maioria das vezes é tomado sob um ponto de vista antropocêntrico, tratando-a como um elemento, por vezes, ativo da paisagem. De modo geral, é assim que as arqueologias dos ambientes aquáticos<sup>7</sup> se debruçam sobre o tema, a água como a constituição do ambiente próximo ao sítio, tal como se abordam as leituras sobre a paisagem que, segundo Tilley (1994, 2004, 2008), se caracterizam pela exploração/captação de recursos, sazonalidade e sistemas de assentamento. As leituras ditas “pós-processuais”, através de uma visão culturalista, destacam, em linhas gerais, a água como um elemento que constitui uma paisagem simbólica, cognitiva e ideológica para a organização da vida social.

Contudo o fato de tratar a água dessa forma não é suficiente para avaliar suas potencialidades, tão pouco reconhecer a sua importância como um material passível de estudo arqueológico. É interessante observar que ela se caracteriza pela denominação aquático, que vem da água, mas a centralidade do tema não está sobre ela, mas sim as coisas que estão na terra. É justamente nesse sentido que se pretende propor uma virada, voltar-se para a água pisando nela, uma Arqueologia com os pés na água se caracteriza pela compreensão da água como um material que articula relações e também é articulada, não apenas reconhecendo-a como um elemento que constitui uma paisagem, mas como um material que possui uma centralidade para a vida do mundo e, nesse sentido, pode-se reconhecer que ela é um dos principais materiais para a existência de outros materiais e da vida como um todo.

---

<sup>7</sup> Nome que se tem dado ao estudo das populações pré-históricas que habitavam ambientes próximos a corpos d'água. Caracterizam-se pelos estudos de grupos de pescadores-coletores com os ambientes aquáticos. Essa arqueologia de ambientes aquáticos também pode ser encontrada como arqueologia marítima, arqueologia costeira, entre outros nomes.

O primeiro elemento que se apresenta é que essa perspectiva necessita de uma abordagem fenomenológica. O choque do corpo com o mundo, a experiência e o sentimento – tanto sensorial quanto emocional, já que, não há uma separação formal entre uma coisa e outra – que constitui o conhecimento. A centralidade do corpo como um acesso ao mundo e seus materiais (HAMILAKIS, 2015; PÉTURSDÓTTIR & OLSEN, 2018; TILLEY, 1994, 2004, 2008) está fundada no movimento e, através dele, o desenvolvimento das potencialidades humanas florescem. Assim, é na percepção das coisas que se pode conceber diferentes formas de conhecimento. A partir disso é possível introduzir o sentimento que desencadeou essa ideia de uma Arqueologia com os pés na água.

Em fevereiro de 2011, estava realizando o primeiro trabalho de campo na Barra do João Pedro. Durante alguns dias, acompanhei alguns pescadores na lida diária, pescando na água e na terra. Simultaneamente, alguns colegas realizavam uma escavação no Casqueiro – sítio arqueológico caracterizado como um sambaqui. Nas várias vezes que descia o rio, avistava os colegas, seja no acampamento que estava próximo ao sítio ou nele mesmo escavando. Aquilo, naturalmente, era uma situação intrigante, pois eram pessoas interagindo com o sítio arqueológico e eu, como observador, os olhando a partir da água. Esse momento, despertou essa curiosidade, esse olhar, esse estar (pisar) em um lugar diferente e as consequências disso para a Arqueologia. Certamente uma das coisas que mais chamou a atenção era a impossibilidade de registrar as impressões que tinha do sítio através de medidas não orgânicas, por exemplo, a dificuldade de fotografar, de calcular a dimensão do sítio, de saber a distância que estava dele, etc. Essas variáveis demonstravam que todas as medidas, ou melhor, as “régua” padrões para registrar o material arqueológico, no caso o sítio, não funcionavam na água.

É precisamente nesse momento que é possível perceber que a sensação não pode ser captada por essas “régua”. Isso se torna mais evidente quando Tilley (1994, 2004, 2008) destaca que a principal forma de articular um trabalho fenomenológico é através de uma arte da narrativa, ou seja, de um texto que exprima, ainda que de forma parcial, a experiência no mundo, uma abordagem que combine efeito e afetado. Além disso, essa tentativa de usar as régua tradicionais demonstrou que a água parece nos encaminhar para as régua orgânicas, as relações com os sentidos, com o corpo e com outros materiais. Tal como visto anteriormente, essas articulações orgânicas com os materiais deriva, em grande medida, da água e sua constituição material: ela é fluída, instável, muda sua coloração, tem correnteza e, em uma embarcação, isso gera uma série de relações diferentes com os materiais observados – o sítio arqueológico, os arqueólogos, entre outros – e com os materiais que articulam essa observação: é preciso remar para manter o curso, estar atento com outras embarcações, baixios, barrancas do rio e, ao mesmo tempo, observar com atenção tudo que ocorre à volta.

Essa pequena história, ainda que de forma resumida, exprime como a água articula relações que, muitas vezes, são distintas das habituais – leia-se, pés no chão. É nesse contexto que a experiência na água demonstra a importância do lugar de onde se está e se sente. Além disso, não mudam apenas as régua, mas também as impressões. O sítio que se percebe da água não é o mesmo da terra, ainda que se trate do mesmo sítio, ou seja, o lugar de onde se percebe e suas relações materiais agenciam a percepção do observador e do que se observa. Ao destacar esse mesmo ponto, Tilley (2004) coloca que a perspectiva fenomenológica, diferente de uma visão cartesiana do mundo, coloca o corpo como a medida das coisas, nesse sentido, o corpo sempre sente de algum lugar, por exemplo, se vê um determinado material de um ângulo que não será uma visão completa e final deste material. Sendo assim, a régua é variável não apenas pelo corpo, nas suas múltiplas experiências vividas, mas também pelo ponto do qual se percebe.

Um segundo aspecto que contribui para essa Arqueologia é o movimento da água. Os caminhos que levam aos lugares são fluídos, ou seja, permeados e abertos ao mundo. Na medida em que se percorre um lugar um ser se associa com as coisas que encontra no caminho. Nesse movimento de andar sobre as águas - seja embarcado ou caminhando ao longo de uma margem do rio - é possível perceber que novas relações se constituem a cada curva de rio, a capacidade da água de misturar as coisas de diferentes tipos, cores, formas e demais aspectos fornece a ela certa centralidade ou, no mínimo, um aspecto metafórico de relação material materializada em um material. Desse modo, trilhar um caminho de água, ou por ela, permite a sensação dos materiais em fluxo, isto é, tocar a relação, enxergar ela, sentir seu cheiro, seu gosto e ouvir seu som.

Tal como visto anteriormente, o rio permite experimentar o mundo de outra forma, na fluidez das relações materiais, isto é, a água como um material único e com características particulares/universalizantes<sup>8</sup> oferece a percepção dos fluxos relacionais em sua materialidade. Em outras palavras, isso significa dizer que ela é um suporte material no qual se pode estudar as relações, por exemplo, quando se está pescando, todos os materiais estão em contato com a água, as redes, os peixes, os barcos e os pescadores. Sendo assim, mais do que fornecer uma superfície de mistura entre os materiais, ela permite sentir as relações, materializa essas linhas que percorrem todas essas coisas. Sua fluidez permite uma mistura visível entre os materiais, desse modo, mais do que pensar uma perspectiva relacional do mundo baseada em uma ideia de rede ou emaranhamento, a fluidez e a viscosidade da água oferecem um suporte material das relações no mundo. O varejão (remo), a lancha, o pescador, as redes, os espinhéis e as facas se movimentam conforme o remador vai trilhando um caminho pela água.

**Figura 6** - Pescador remando em direção à lagoa. (foto do autor, 20/08/2012).



---

<sup>8</sup> As características são universalizantes no sentido de que a água possibilita sempre uma mistura, até mesmo os elementos sólidos, quando mergulhados nela, passam a ter um novo aspecto, mesmo que seja a umidade, uma coloração, cheiro ou até mesmo uma forma. É possível também, retomar a proposta destacada no item anterior da mistura dos opostos açúcar e sal, ou a amassadura da água com a farinha que se transforma em um pão, ou seja, ela tomada como um material de ligação é de certo modo universalizante, apesar de possuir particularidades.

A partir disso, é possível afirmar que a água fornece para a Arqueologia uma medida orgânica para as relações materiais. Ela desarticula a padronização, impossibilita o arqueólogo de recorrer aos recursos comuns, como por exemplo, um desenho, medidas precisas, escalas de tempo, entre outros. É com os pés nela que se pode, através da experiência e do conhecimento pelo corpo, descrever com detalhamento as suas associações. Contudo, para isso, é preciso, além de estar disposto a aprender, possuir tempo. Aqui reside uma questão importante, pois esse tempo é variável de pessoa para pessoa, mas, sobretudo, será maior que o dedicado nos dias atuais. Para compreender com pouco mais de clareza a fluidez das relações materiais da água, pesca e pescadores se passaram oito anos até então. O mesmo ocorre, por exemplo, com o estudo dos sítios arqueológicos, são anos de dedicação para compreender seus aspectos relacionais, tanto em sua constituição como um sítio (aspectos “internos”) quanto na sua relação com a paisagem. Nesse sentido, o estudo relacional demanda o tempo da percepção, um tempo de aprendizagem, de convivência, de sentido e de desenvolvimento de uma sensibilidade que é diametralmente o oposto do que os padrões científicos/acadêmicos atuais demandam, ou seja, a relação com a água traz a Arqueologia pra outros tempos.

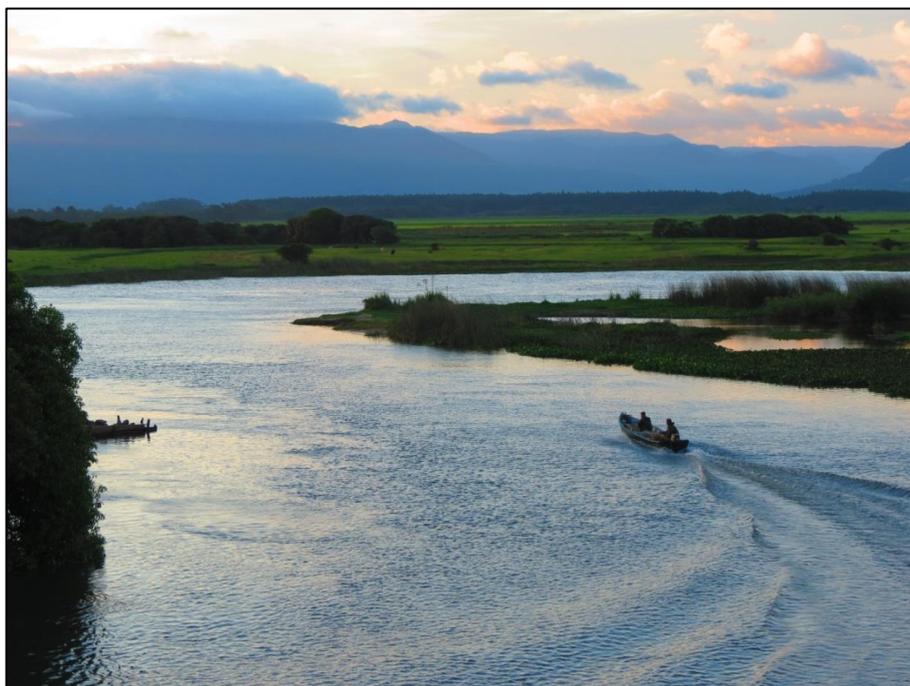
Neste caso, se faz necessário um exemplo. Durante os dois primeiros anos de pesquisa, pensava que os períodos de cheia e vazante das águas eram bem definidos, de modo que, dentro de cada um, não era comum ocorrer “inversões”. Posteriormente, apesar de existir certa regularidade dos períodos, notei que eles variavam em sua intensidade e até mesmo na sua frequência – pode ocorrer um período de cheia em um ano e no outro não, por exemplo. Ao mesmo tempo, começava a fazer sentido a ideia de que essa periodização de tempo com fundamento na água e na atmosfera não cabe dentro das medidas de um calendário anual como comumente se utiliza. De modo geral, foi preciso conviver, sentir e experimentar o material durante muitos anos para compreender sua dinâmica – ou não dinâmica – em uma escala de imprevisibilidade. Este termo, recorrente na literatura da sócioantropologia da pesca, exprime a necessidade de compreender um tempo de mudanças, um tempo sem controle direto, um tempo em escala relacional que é fluído. A tentativa de colocar esse tempo em uma escala de calendário anual é apenas uma tentativa de torná-lo mais palpável, fornecer uma medida não orgânica para ele.

Dessa maneira, partindo da ideia de um tempo variável – composto por arranjos de experiência – não é possível traçar uma única linha. A água e a atmosfera apresentam características e efeitos. Os pescadores, como pessoas que vivem no mundo e, por consequência, compreendem com mais clareza esses efeitos, são afetados diariamente por ele. É comum ouvir dos pescadores a seguinte frase: “*com esse tempo aí tá bom pra botar uma rede [em determinado lugar]*”, dessa forma, o tempo também assume um lugar, um peixe bom para pesca e muitas outras relações.

Uma experiência arqueológica realizada na água possibilita a compreensão de tempo variável, multilinear e com fluxos de desenvolvimento distintos. Por exemplo, o tempo atmosférico muitas vezes é mais importante para os pescadores do que o tempo do relógio. O primeiro conduz a imprevisibilidade, a necessidade da leitura dos fenômenos atmosféricos, os impactos nos materiais etc, já o segundo, indica um tempo controlado, pouco importante se considerar a fluidez das relações com a paisagem e demais materiais. A percepção dessa ausência de controle sobre o tempo gera certa angústia, atenção e incerteza, pois além do ritmo, suas constantes mudanças geram impactos como, por exemplo, a necessidade de rever o deslocamento até determinado local de pesca, ou a pesca de determinada espécie de peixe ou, até mesmo, a impossibilidade de ir pescar. De modo geral, tal como visto anteriormente, a água como

tempo e o tempo como água parecem indicar uma alternativa interessante para pensá-los como materiais em fluxo constante.

**Figura 7** - Um tempo estranho, com muitas nuvens. (foto do autor, 22/02/2016).



Com isso, é preciso retomar a fractalidade da água como um elemento chave para a articulação dessa Arqueologia, pois, justamente na sua capacidade de transformação sem perder as suas características originais, a água se torna um material articulador de relações. Contudo a fractalidade, tomada sob um princípio orgânico, possibilita ir além: a experiência torna-se a base de um conhecimento que é acessado através e ao longo dos materiais. Partindo disso, essa proposta de uma Arqueologia com os pés na água não se constitui dentro do paradigma de divisão do campo científico em subdisciplinas – que já são muitas –, mas colabora no sentido de compreender que a base do conhecimento do mundo, além de ser relacional, está fundada nos materiais em constante articulação com as pessoas, lugares e tempos, ou seja, essa Arqueologia é apenas uma Arqueologia.

Por fim, não se trata de criar uma arqueologia dos ambientes aquáticos, menos ainda se considerar o enfoque secundário dela sobre a água, mas avaliar o seu potencial nas relações materiais. Não que a proposta em si esteja equivocada, muito pelo contrário, ela é válida e necessária, porém, se o princípio relacional continua tomando como base a terra, não há porque se referir à água em sua denominação. A perspectiva aqui apresentada, fundada na fenomenologia, busca, através do estudo da água como um material arqueológico, a valorização da experimentação das coisas. Essa proposta fica mais evidente com a noção proto-dialética elaborada por Spinoza que apresenta exatamente o ponto chave para a Arqueologia: a infinidade de agenciamentos que podem surgir ao longo dos materiais, pessoas e lugares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. 1989. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 202pp.
- DIEGUES, A. 2004. *A Pesca Construindo Sociedades*. São Paulo: NUPAB – USP, 315 pp.
- EDGEWORTH, M. 2011. *Fluid Pasts: Archaeology of Flow*. Bristol Classical Press, 155pp.
- FELDMAN, D. 2012. *Chaos and fractals: an elementary introduction*. Oxford: Oxford University Press, 408pp.
- GIBSON, J. 1986. *The Ecological Approach to Visual Perception*. . New York: Psychology Press.
- HAMILAKIS, Y. 2015. Arqueología y sensorialidad. Hacia una ontología de afectos y flujos. *VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v.9, n.1, p.30-53.
- HODDER, I. 2016. *Studies in Human-Thing Entanglement*. [s.l.]: Edição do autor.
- INGOLD, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44.
- INGOLD, T. 2013a. Los materiales contra la materialidade. *Papeles de trabajo*, Buenos Aires, v.7, n. 11, p.19-39.
- INGOLD, T. 2013b. Repensando o animado, reanimando o pensamento. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v.7, n.2, p.10-25.
- INGOLD, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 390pp.
- MORTON, T.2013. *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 229pp.
- NORMARK, J. 2014. Water as a Hiperfact. *Current Swedish Archaeology*, v. 22, p. 183-206.
- PÉTURSDÓTTIR, T. 2017. Climate change? Archaeology and Anthropocene. *Archaeological Dialogues*, v. 24, n. 2, p. 175–205.
- PÉTURSDÓTTIR, P; OLSEN, B. 2018. Theory adrift: The matter of archaeological theorizing. *Journal of Social Archaeology*, v.18, n. 1, p. 97-117.
- SILVA, L. 2012. Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PPGH, PUCRS, 127pp.
- SILVA, L. 2015. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, p. 537-547.
- SILVA, L. 2017. Nas cordas, anzóis, redes e gaiolas: seguindo os materiais na pesca artesanal. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v.5, n.1, p. 115-128.
- SILVA, L. 2018. Os materiais de pesca fluindo. Uma Arqueologia com os pés na água. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 206pp.
- SPINOZA, B. 1987 [1677]. *Ética demonstrada según el orden geométrico*. Madrid: Alianza editorial, 463pp.
- TILLEY, C. 1994. *A phenomenology of landscape*. Oxford: BERG, 221pp.
- TILLEY, C. 2004. *The materiality of Stone*. Oxford: BERG, 244pp.
- TILLEY, C. 2008. Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. IN: DAVID, B; THOMAS, J. *Handbook of landscape archaeology*. New York: Left Coast Press, p. 271-276.
- THOMAS, J. 2017. Concluding remarks: landscape, taskscape, life. IN: RAJALA, U; MILLS, P. *Forms of Dwelling: 20 Years of Taskscapes in Archaeology*. Oxford: Oxbow Books, p. 268-279.
- THOREAU, H. 2012. *A desobediência civil*. São Paulo: Companhia das Letras, 150pp.

WAGNER, R. 1991. A pessoa fractal. *Ponto Ube*: traduções.